

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.

PAULO COELHO

NA MARGEM
DO RIO PIEDRA
EU SENTEI
E CHOREI

PA R L A

Outros títulos do autor Paulo Coelho:

O alquimista

Brida

A bruxa de Portobello

O diário de um mago

A espiã

Maktub

Manual do guerreiro da luz

Onze minutos

Veronika decide morrer

Copyright © 1994 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Ana Luiza Couto e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei / Paulo
Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2018.

ISBN 978-85-8439-078-6

1. Ficção brasileira I. Título.

17-04387

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Para I.C. e S.B., cuja comunhão amorosa me fez
ver a face feminina de Deus;

Monica Antunes, companheira desde a primeira
hora, que com seu amor e entusiasmo
espalha o fogo pelo mundo;

Paulo Rocco, pela alegria das batalhas
que travamos juntos e pela dignidade dos combates
que travamos entre nós;

Matthew Lore, por não ter esquecido uma sábia
linha do *I ching*: “A perseverança é favorável”.

Mas a Sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

Lucas 7,35

Antes de começar

Um missionário espanhol visitava uma ilha quando encontrou três sacerdotes astecas.

— Como vocês rezam? — perguntou o padre.

— Temos apenas uma oração — respondeu um dos astecas. — Nós dizemos: “Deus, Tu És três, nós somos três. Tende piedade de nós”.

— Bela oração — disse o missionário. — Mas ela não é exatamente a prece que Deus escuta. Vou lhes ensinar uma muito melhor.

O padre ensinou uma oração católica e seguiu seu caminho de evangelização. Anos depois, já no navio que o levava de volta à Espanha, teve que passar de novo por aquela ilha. Do convés, viu os três sacerdotes na praia — e acenou-lhes.

Nesse momento, os três começaram a caminhar pela água, em direção a ele.

— Padre! Padre! — chamou um deles, se aproximando do navio. — Nos ensina de novo a oração que Deus escuta, porque não conseguimos lembrar!

— Não importa — disse o missionário, vendo o milagre. E pediu perdão a Deus, por não ter entendido antes que Ele fala todas as línguas.

Esta história exemplifica bem o que procuro contar em *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei*. Raramente nos damos conta de que estamos cercados pelo Extraordinário. Os milagres acontecem à nossa volta, os sinais de Deus nos mostram o caminho, os anjos pedem que sejam ouvidos — mas, como aprendemos que existem fórmulas e regras para chegar até Deus, não damos atenção a nada disso. Não entendemos que Ele está onde O deixam entrar.

As práticas religiosas tradicionais são importantes: elas nos fazem partilhar com os outros a experiência comunitária da adoração e da oração. Mas nunca podemos esquecer que a experiência espiritual é sobretudo uma experiência *prática* de Amor. E no Amor não existem regras. Podemos tentar seguir manuais, controlar o coração, ter uma estratégia de comportamento — mas tudo isso é bobagem. O coração decide, e o que ele decidir é o que vale.

Todos nós já experimentamos isso. Todos nós, em algum momento da vida, já dissemos entre lágrimas: “Estou sofrendo por um amor que não vale a pena”. Sofremos porque achamos que damos mais do que recebemos. Sofremos porque nosso amor não é reconhecido. Sofremos porque não conseguimos impor nossas regras.

Sofremos à toa: no amor está a semente de nosso crescimento. Quanto mais amamos, mais próximos estamos da experiência espiritual. Os verdadeiros iluminados, com suas almas incendiadas pelo Amor, venciam todos os preconceitos da época. Cantavam, riam, rezavam

em voz alta, dançavam, compartilhavam aquilo que São Paulo chamou de “santa loucura”. Eram alegres — porque quem ama venceu o mundo, não tem medo de perder nada. O verdadeiro amor é um ato de entrega total.

Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei é um livro sobre a importância dessa entrega. Pilar e seu companheiro são personagens fictícios, mas símbolos dos muitos conflitos que nos acompanham na busca da Outra Parte. Cedo ou tarde, temos que vencer nossos medos — já que o caminho espiritual se faz através da experiência diária do amor.

O monge Thomas Merton dizia: “A vida espiritual se resume em amar. Não se ama porque se quer fazer o bem, ou ajudar, ou proteger alguém. Se agirmos assim, estaremos vendo o próximo como simples objeto, e estaremos vendo a nós mesmos como pessoas generosas e sábias. Isso nada tem a ver com amor. Amar é comungar com o outro e descobrir nele a centelha de Deus”.

Que o pranto de Pilar na margem do rio Piedra nos conduza pelo caminho dessa comunhão.

PAULO COELHO

NA MARGEM DO RIO PIEDRA

Eu sentei e chorei. Conta a lenda que tudo o que cai nas águas desse rio — as folhas, os insetos, as penas das aves — se transforma nas pedras do seu leito. Ah, quem dera eu pudesse arrancar o coração do meu peito e atirá-lo na correnteza, e então não haveria mais dor, nem saudade, nem lembranças.

Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei. O frio do inverno fez com que eu sentisse as lágrimas no rosto, e elas se misturaram com as águas geladas que correm diante de mim. Em algum lugar esse rio se junta com outro, depois com outro, até que — distante dos meus olhos e do meu coração — todas essas águas se confundem com o mar.

Que as minhas lágrimas corram assim para bem longe, para meu amor nunca saber que um dia chorei por ele. Que minhas lágrimas corram para bem longe, e então eu esquecerei o rio Piedra, o mosteiro, a igreja nos Pireneus, a bruma, os caminhos que percorremos juntos.

Eu esquecerei as estradas, as montanhas e os campos de meus sonhos — sonhos que eram meus e que eu não conhecia.

Eu me lembro do meu instante mágico, daquele momento em que um “sim” ou um “não” pode mudar toda a nossa existência. Parece ter acontecido há tanto tempo, no entanto faz apenas uma semana que reencontrei meu amado e o perdi.

Nas margens do rio Piedra escrevi esta história. As mãos ficavam geladas, as pernas entorpecidas pela posição, e eu precisava parar a todo instante.

— Procure viver. Lembrar é para os mais velhos — dizia ele.

Talvez o amor nos faça envelhecer antes da hora e nos torne jovens quando a juventude passa. Mas como não recordar aqueles momentos? Por isso escrevia, para transformar a tristeza em saudade, a solidão em lembranças. Para que, quando acabasse de contar a mim mesma esta história, eu a pudesse jogar no Piedra — assim me dissera a mulher que me acolheu. Então — lembrando as palavras de uma santa — as águas poderiam apagar o que o fogo escreveu.

Todas as histórias de amor são iguais.

Tínhamos passado a infância e a adolescência juntos. Ele partiu, como todos os rapazes partem das cidades pequenas. Disse que ia conhecer o mundo, que seus sonhos iam além dos campos de Soria.

Fiquei alguns anos sem notícias. De vez em quando recebia uma carta ou outra, mas isso era tudo — porque ele nunca voltou aos bosques e às ruas da nossa infância.

Quando terminei meus estudos, mudei para Zaragoza — e descobri que ele tinha razão. Soria era uma cidade pequena e seu único poeta famoso dissera que o caminho é feito ao andar. Entrei para a faculdade e arranjei um noivo. Comecei a estudar para um concurso público que não acontecia nunca. Trabalhei como vendedora, paguei meus estudos, fui reprovada no concurso público, desisti do noivo.

Suas cartas, então, começaram a chegar com mais frequência — e, pelos selos de diversos países, eu sentia inveja. Ele era o amigo mais velho, que sabia tudo, percorria o *mundo*, deixava crescer suas asas — enquanto eu procurava criar raízes.

De uma hora para outra, suas cartas falavam em Deus, e vinham sempre de um mesmo lugar da França. Em uma delas, manifestou o desejo de entrar para um seminário e dedicar sua vida à oração. Eu escrevi de volta, pedindo que esperasse um pouco, que vivesse um pouco mais sua liberdade antes de se comprometer com algo tão sério.

Quando li minha carta, resolvi rasgá-la: quem era eu para falar em liberdade ou compromisso? Ele sabia dessas coisas, eu não.

Um dia soube que estava dando palestras. Fiquei surpresa, porque era jovem demais para ensinar qualquer coisa. Mas, há duas semanas, me mandou um cartão dizendo que iria falar para um pequeno grupo em Madri e fazia questão da minha presença.

Viajei por quatro horas, de Zaragoza a Madri, porque queria tornar a vê-lo. Queria escutá-lo. Queria sentar com ele em um bar, lembrar os tempos em que brincávamos juntos e achávamos que o mundo era grande demais para ser percorrido.

SÁBADO,
4 DE DEZEMBRO DE 1993

A conferência era num lugar mais formal do que eu havia imaginado, e tinha mais gente do que eu esperava. Não entendi como aquilo estava acontecendo.

“Quem sabe ficou famoso”, pensei. Não me havia dito nada em suas cartas. Tive vontade de falar com as pessoas presentes, perguntar o que estavam fazendo ali, mas não tive coragem.

Fiquei surpresa ao vê-lo entrar. Parecia diferente do garoto que conheci — mas, claro, em onze anos as pessoas mudam. Estava mais bonito e seus olhos brilhavam.

— Está nos devolvendo o que era nosso — disse uma mulher ao meu lado.

A frase era estranha.

— O que está devolvendo? — perguntei.

— O que nos foi roubado. A religião.

— Não, ele não está nos devolvendo — disse uma mulher mais jovem, sentada a minha direita. — Eles não podem nos devolver o que já nos pertence.

— O que você está fazendo aqui, então? — perguntou, irritada, a primeira mulher.

— Quero escutá-lo. Quero ver como pensam, porque já nos queimaram um dia e podem querer repetir a dose.

— Ele é uma voz solitária — disse a mulher. — Está fazendo o possível.

A jovem deu um sorriso irônico e virou-se para a frente, encerrando a conversa.

— Para um seminarista, é uma atitude corajosa — continuou a mulher, dessa vez olhando para mim, procurando apoio.

Eu não estava entendendo nada; fiquei calada e a mulher desistiu. A jovem ao meu lado piscou um olho — como se eu fosse sua aliada.

Mas eu estava quieta por outra razão. Pensava no que a senhora havia dito.

“Seminarista.”

Não podia ser. Ele teria me avisado.

Ele começou a falar e eu não conseguia me concentrar direito. “Devia ter me vestido melhor”, pensava, sem entender a causa de tanta preocupação. Ele me notara na plateia, e eu tentava decifrar seus pensamentos: como eu devia estar? Qual a diferença entre uma menina de dezoito e uma mulher de vinte e nove?

Sua voz era igual. Entretanto, suas palavras haviam mudado muito.

É preciso correr riscos, dizia ele. Só entendemos direito o milagre da vida quando deixamos que o inesperado aconteça.

Todos os dias Deus nos dá — junto com o sol — um momento em que é possível mudar tudo o que nos deixa infelizes. Todos os dias procuramos fingir que não percebemos esse momento, que ele não existe, que hoje é igual a ontem e será igual a amanhã. Mas quem presta atenção ao seu dia descobre o instante mágico. Ele pode estar escondido na hora em que enfiamos a chave na porta pela manhã, no instante de silêncio logo após o jantar, nas mil e uma coisas que nos parecem iguais. Este momento existe — um momento em que toda a força das estrelas passa por nós e nos permite fazer milagres.

A felicidade às vezes é uma bênção — mas geralmente é uma conquista. O instante mágico do dia nos ajuda a mudar, nos faz ir em busca de nossos sonhos. Vamos sofrer, vamos ter momentos difíceis, vamos enfrentar muitas decepções — mas tudo é passageiro e não deixa marcas. E, no futuro, poderemos olhar para trás com orgulho e fé.

Pobre de quem teve medo de correr os riscos. Porque esse talvez não se decepcione nunca, nem tenha decepções, nem sofra como aqueles que têm um sonho a seguir. Mas quando olhar para trás — porque sempre olhamos para trás — vai escutar seu

coração dizendo: “O que fizeste com os milagres que Deus semeou por teus dias? O que fizeste com os talentos que teu Mestre te confiou? Enterraste fundo em uma cova, porque tinhas medo de perdê-los. Então, esta é a tua herança: a certeza de que desperdiçaste tua vida”.

Pobre de quem escuta estas palavras. Porque então acreditará em milagres, mas os instantes mágicos da vida já terão passado.

As pessoas o cercaram assim que terminou de falar. Esperei, preocupada com a impressão que teria de mim depois de tantos anos. Eu me sentia uma criança — insegura, ciumenta porque não conhecia seus novos amigos, tensa porque ele dava mais atenção aos outros do que a mim.

Então ele se aproximou. Ficou vermelho, e já não era mais o homem que dizia coisas importantes; tornava a ser o garoto que se escondia comigo na ermida de São Satúrio, falando de seus sonhos de percorrer o mundo — enquanto nossos pais pediam ajuda à polícia, pensando que nos havíamos afogado no rio.

— Olá, Pilar — disse ele.

Beijei seu rosto. Podia ter dito algumas palavras de elogio. Podia ter me cansado de ficar no meio de tanta gente. Podia ter feito algum comentário engraçado sobre a infância e sobre o orgulho que tinha de vê-lo assim, admirado pelos outros.

Podia explicar que precisava sair correndo e pegar o último ônibus da noite para Zaragoza.

Eu podia. Jamais chegaremos a compreender o significado desta frase. Porque em todos os momentos de